

**CONTATO LINGUÍSTICO EM LIBRAS: UM ESTUDO DESCRITIVO DA
INFLUÊNCIA DE OUTRAS LÍNGUAS DE SINAIS NA LIBRAS¹**
*LINGUISTIC CONTACT IN LIBRAS: A DESCRIPTIVE STUDY ON THE INFLUENCE
OF OTHER SIGN LANGUAGES ON LIBRAS*

Rodrigo Nogueira Machado²

Ronice Müller de Quadros³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um estudo descritivo sobre a ocorrência do fenômeno linguístico “empréstimos linguísticos” de diferentes línguas de sinais para a língua brasileira de sinais – Libras – em videoaulas de disciplinas do curso de Letras Libras (turma de 2006), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) baseado no estudo de Machado (2016). Como metodologia de pesquisa foi feita uma comparação dos sinais encontrados nas videoaulas com sinais extraídos de dicionários *online* de outras línguas de sinais, além de entrevistas realizadas com os sinalizantes dos DVDs e os sinalizantes estrangeiros para confirmar se havia alguma relação entre eles. O objetivo foi verificar quais sinais eram efetivamente empréstimos de outras línguas de sinais. A pesquisa compilou um *corpus* lexical de “empréstimos linguísticos entre línguas de sinais”. Esse *corpus* foi analisado com o suporte do programa *Elan*, utilizado nesta pesquisa para identificar os sinais, coletados nos vídeos. Como proposta teórica, seguimos a tipologia de empréstimos de línguas em contato proposto por Carvalho (2009). Os resultados evidenciam que o fenômeno estudado é produtivo na Libras, uma vez que apresenta vários empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Contato de línguas; Empréstimos linguísticos; Libras; Línguas de Sinais; Sociolinguística.

ABSTRACT

This paper has the goal to present a descriptive study about the occurrences of the linguistic phenomena of “linguistic borrowing” from different sign languages applied to Brazilian Sign Language (Libras) in video classes of the courses taught in the Letras Libras Program (group from 2006) at the *Universidade Federal de Santa Catarina* (UFSC), based on the study conducted by Machado (2016). We used the research methodology of comparing signs found in videoclasses with analogous signs from different sign languages through available online dictionaries and we also interviewed the signers of these videoclasses and foreigner deaf people to confirm their related signs. The goal was to verify which signs were borrowed from other sign languages. The research was composed by a corpus of lexicon borrowed from other sign languages. This corpus was analyzed with the support of *Elan* software, which was used in this research to identify the signs through the videos. Borrowing typology theoretical support was used based on the work of Carvalho (2009). The results shows that Libras present several elements that represent the linguistic phenomenon of linguistic borrowing.

KEYWORDS: Language contact; Linguistic borrowing; Libras; Sign languages; Sociolinguistics.

1 Este artigo está baseado na dissertação de mestrado de Rodrigo Nogueira Machado (2016) sob a orientação da Profa. Ronice Müller de Quadros.

2 Doutorando em Letras e Linguística, UFAL. Professor do curso de Letras Libras da UFC. Contato: roflam@ufc.br

3 Doutora em Linguística. Professora do curso de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. Contato: ronice.quadros@ufsc.br

1 Introdução

Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 23), há no mundo em torno de seis a sete mil línguas; dessas, aproximadamente 141 são línguas de sinais⁴. Essas línguas estão espalhadas em comunidades linguísticas, ou países diferentes, e muitas delas coexistem em um mesmo país. O fato é que as línguas existentes no mundo mantêm e desenvolvem algum nível de interação, ou seja, os falantes de uma determinada língua mantêm contato com falantes de outras línguas, seja pelas relações políticas, comerciais, culturais e/ou étnicas e, cada vez mais, por meio do uso das tecnologias (por exemplo, redes sociais e atividades por vídeo), além das interações presenciais.

Neste estudo, analisamos as entradas de unidades lexicais de línguas de sinais estrangeiras na Libras, assim como acontece nas línguas orais. Identificamos e descrevemos os processos de empréstimos lexicais de outras línguas de sinais para Libras, fruto do contato linguístico, a partir de sinais extraídos de videoaulas das disciplinas do Curso de Letras Libras (turma 2006). Além disso, categorizamos os processos identificados e discutimos sobre esse fenômeno de contato linguístico na Libras, considerando também os estudos que mencionam a existência de empréstimos linguísticos nesta língua (FERREIRA, 2010 [1995]; QUADROS e KARNOPP, 2004). Identificamos ocorrências de empréstimos linguísticos entre diferentes línguas de sinais que utilizam a modalidade visual-corporal, decorrente do contato linguístico.

Os estudos sobre o fenômeno dos empréstimos linguísticos entre línguas de sinais é ainda quase inexistente, por isso, a pesquisa apresentada neste artigo procura descrever sinais considerados empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais para Libras, para mostrar que ocorre com as línguas de sinais o mesmo fenômeno linguístico das línguas orais. Mais especificamente, os estudos sobre empréstimos linguísticos entre línguas de sinais são escassos na literatura, por serem encontrados e registrados em menor escala se comparado aos empréstimos entre uma língua de sinais e uma língua oral que coabitem o mesmo território, sendo consideradas línguas em contato (NASCIMENTO, 2010, p. 26), o que justifica a realização da pesquisa apresentada neste artigo.

Para realizar a descrição dos empréstimos linguísticos identificados na Libras, partimos da classificação de Carvalho (2009, p. 66). No entanto, a pesquisa de Carvalho (2009) é sobre os empréstimos linguísticos de itens lexicais estrangeiros para a Língua Portuguesa. Neste estudo, verificamos a possibilidade de aplicação dessa classificação também para a Libras.

O artigo está dividido em cinco seções: Introdução, Fundamentação teórica (línguas em contato, empréstimos linguísticos, dados linguísticos da Libras), Metodologia (*corpus* e procedimentos das análises), Discussão dos resultados e Considerações Finais.

4 Compêndio *Ethnologue*, no site: <http://www.ethnologue.com/subgroups/sign-language>

Na próxima seção, iniciaremos uma discussão acerca dos empréstimos linguísticos aportados em uma fundamentação teórica originada em estudos da Sociolinguística.

2 Línguas em Contato: Interferências e empréstimos linguísticos

Há um ramo da Sociolinguística que estuda as Línguas em Contato, e busca compreender e conceitualizar esses empréstimos linguísticos. Essa seção segue com a revisão de literatura e apresenta a tipologia dos empréstimos proposta por Carvalho (2009).

O contato entre línguas ocorre quando línguas diferentes interagem ou se alternam no uso, ou entre dialetos que estão em constante contato no mesmo território, seja pela colonização, por invasões ou conquistas de guerras, por migrações, ou em localidades situadas em fronteiras. As línguas interagem também por meio de viajantes, da ciência e tecnologia, das relações industriais e comerciais internacionais, dos intercâmbios de estudos científicos, dos meios de comunicação, da globalização, etc. Esse contato linguístico pode promover a produção e o aumento das palavras/sinais que se tornarão empréstimos podendo provocar alterações fonológicas, morfológicas e ortográficas nas línguas de chegada.

Weinreich (apud CALVET, 2002, p. 36) utilizou o conceito de interferência em seu livro *Languages in Contact*, publicado no ano de 1953, aplicando-o ao fenômeno das línguas em contato na sociedade, uma vez que as pessoas eram bilíngues, mesmo que em diferentes níveis. Neste sentido, a interferência linguística pode ser considerada uma prática comum usada pelas pessoas bilíngues no uso de suas línguas. Independentemente disso, os falantes/sinalizantes de uma dada língua podem acabar incorporando itens lexicais estrangeiros de outras línguas, mesmo que não sejam bilíngues fluentes. O que parece acontecer são “empréstimos” de outra língua decorrentes do contato linguístico.

O termo empréstimo (*borrowing*) foi inicialmente empregado por Sapir (1921) e Bloomfield (1973[1933]) (assim como identificado também por outros autores, tais como Silva, 2003). Posteriormente, diversas pesquisas sobre transferências de léxicos de uma língua de origem para outra foram realizadas. Bloomfield (1961, apud CARVALHO, 2009, p. 47) concebe o empréstimo como “a adoção de traços linguísticos diversos daqueles pertencentes ao sistema tradicional”. Empréstimo e influência de substrato são ambos considerados fenômenos de interferência, segundo Weinreich (1963). Na próxima seção, aprofundaremos a discussão sobre “empréstimos linguísticos”, procurando definir esse conceito enquanto fenômeno linguístico para explicar o uso de itens lexicais, de outras línguas de sinais, encontrados na Libras.

2.1 Empréstimos linguísticos

As línguas são utilizadas pelos falantes/sinalizantes com criatividade e dinamicidade, o que permite o crescimento e o enriquecimento do léxico; a língua é viva a partir dos seus falantes/sinalizantes. O fluxo linguístico e os fatores sociais, entre outros, contribuem para as diversas ocorrências de variação e mudança em uma língua. Carvalho (2009, p. 22) considera que “a mudança linguística em todas as áreas é algo que pertence à própria essência da língua” (assim como identificado por Weinreich; Labov & Herzog, 2006). Desta forma, os sinalizantes de uma língua estão sempre criando ou introduzindo novos léxicos ou termos para cumprir as necessidades de nomeação.

Machado (2016) traz considerações pertinentes quanto aos empréstimos linguísticos em contextos multilíngues, conforme podemos ver a seguir.

As atividades humanas e as mudanças sociais podem provocar a criação de novos léxicos, os chamados neologismos, ou importar de outras línguas palavras que supram a necessidade de expressão, são os chamados empréstimos linguísticos. Estes dois fenômenos podem tanto criar novos sentidos para as palavras como podem gerar mudanças no sentido de palavras já existentes (MACHADO, 2016, p. 32).

Empréstimos linguísticos decorrem do contato linguístico entre falantes/sinalizantes de línguas diferentes. Esses contatos são propiciados pela condição multilíngue das sociedades que propicia o encontro entre pessoas de diferentes línguas e permite o estabelecimento de níveis de bilinguismo (GROSJEAN, 1982). Esse contato pode ser face a face, como o contato de territórios entre fronteiras, o contato entre falantes/sinalizantes de línguas diferentes em congressos, relações comerciais, eventos turísticos e ou culturais; ou através do acesso a livros estrangeiros, *internet*, filmes, etc. Os empréstimos linguísticos podem acontecer também através do desenvolvimento de novas ciências e tecnologias. Eles podem preencher lacunas lexicais existentes em uma língua receptora ou, até mesmo, coexistir com outros termos, enriquecendo o vocabulário da língua, no sentido de potencializar a interação social.

Algumas pesquisas pretendem definir as relações e conceitos entre empréstimos linguísticos e estrangeirismos. Dessa forma, vários autores divergem acerca dos conceitos de empréstimo linguístico e de estrangeirismo; alguns têm concepções diferentes desses dois fenômenos e alguns os tratam como sinônimos (SILVA, 2003, p. 59).

Para Garcez e Zilles (2001, p. 15), o termo “empréstimo” pode ser relacionado ao termo “estrangeirismo”. Estrangeirismos são aqueles léxicos que não mudam ou não sofrem adaptações na

língua receptora, ou seja, essa é a nomenclatura utilizada para o léxico que é importado de uma língua a outra, mas que se mantém como na língua de origem. O estrangeirismo pode ter entrada, ou não, em uma determinada língua depende do uso que a comunidade linguística fará desse estrangeirismo. Disso vai depender a aceitação ou não desses vocabulários na língua receptora.

De acordo com Adam (2012, p. 842), empréstimos identificados nas línguas de sinais podem ter origem em uma língua falada, tanto da sua forma escrita, como oral e, também, pode ser de outras línguas de sinais em contato. Nascimento (2010, p. 23) afirma que os “empréstimos linguísticos são incorporações de determinados elementos de uma língua em outra ou de uma variedade para outra”. Na Libras, a partir de vários processos de incorporação, os empréstimos linguísticos podem ser oriundos de línguas orais ou de línguas de sinais.

Em relação à forma que o idioma de chegada absorve os empréstimos linguísticos, Ann (2001, p. 48) aponta que há duas maneiras: (i) uma em que os empréstimos seguem as restrições fonológicas da língua e assim modificam o seu formato original, ou (ii) quando não há adaptações fonológicas e o empréstimo linguístico se torna mais distinto do sistema fonológico da língua. A autora menciona também que a integração de um item de uma língua é muito diferente da alternância de línguas (*code-switching*) ou a mistura de línguas (*code-mixing*), pois o empréstimo passa a fazer parte da outra língua efetivamente.

Neste estudo, o uso do termo ‘empréstimo’ tem duas perspectivas. Primeiramente, consideramos o termo **empréstimo linguístico** em um sentido mais amplo, ou seja, a adoção que o sistema linguístico de uma língua pode fazer de itens lexicais estrangeiros; mostramos isso pela classificação de Carvalho (2009) que apresentaremos mais adiante. Ainda nesta mesma classificação, usamos o termo em uma perspectiva mais restrita, ou seja, o termo ‘empréstimo’ é utilizado para designar uma das fases da classificação – a fase de adoção – que é a fase que adota os itens lexicais estrangeiros e os transforma em itens naturalizados à língua receptora através de processos de adaptações que podem ser de ordem gráfica, fonológica, morfológica e/ou sintática. Quando um item lexical é importado de uma língua para outra, poderá se tornar um elemento da língua dependendo do seu uso corrente pelos falantes/sinalizantes.

Há várias maneiras de classificar os empréstimos linguísticos dentro de uma língua. Carvalho (2009, p. 66), em sua pesquisa com a Língua Portuguesa, apresenta a seguinte sistematização quanto à tipologia dos empréstimos:

- I. Quanto à **origem**: íntimo, dialetal e externo;
- II. Segundo à **fase de adoção**: estrangeirismo, empréstimo e xenismo;
- III. Segundo à **forma de derivação**: direto e indireto;
- IV. Segundo à **forma de adoção**: calque, adaptação e incorporação;
- V. Segundo à **função, intenção ou necessidade de uso**: conotativo e denotativo.

Carvalho (2009) estabelece essa tipologia e explica o conceito de cada um dos tipos para se entender como é o processo de entrada de léxicos externos na língua importadora, no caso, a Língua Portuguesa. Neste artigo, analisamos apenas a fase da **adoção** e procuramos adaptar a classificação da autora à Libras.

Na **fase de adoção**, temos o processo de entrada de léxico na língua, dividida em três tipos: estrangeirismo, empréstimo e xenismo. Considera-se estrangeirismo o termo que não perde a sua forma original e significado da língua importadora e que pode ter uso prolongado ou mais curto, vindo a sumir com o tempo. O estrangeirismo pode se tornar um empréstimo. Tem sua classificação como anglicismo, galicismo, latinismo, helenismo etc. Esse tipo de uso é mais individualizado, que ocorre quando o falante entra em contato com uma nova palavra em uma determinada língua (estrangeira) e a utiliza ao se expressar em outra língua pontualmente para preencher uma lacuna ou necessidade no situação em questão.

O empréstimo tem sua identidade naturalizada na língua de chegada. Primeiramente o termo é aceito e a sua incorporação sofre adaptações de ordem linguística para entrar na língua, assim como, por exemplo, com o uso, o termo *stress* tornou-se estresse; futebol (*football* em inglês). Assim o termo pode ser adotado, rejeitado ou substituído. De acordo com Bastarrica (2009, p. 12), “o estrangeirismo parece fazer parte da escolha individual do falante; o empréstimo, por sua vez, é de natureza social e deve ser reconhecido como tal pela comunidade linguística”. Carvalho (2009, p. 54) afirma que “os empréstimos pressupõem uma interpretação e uma adaptação à estrutura da língua importadora”. A natureza das adaptações pode ser de ordem: gráfica, fonológica, morfológica e sintática.

O último tipo da fase da adoção, o xenismo, designa a palavra cuja forma gráfica permanece a mesma da língua original, o que tem grande frequência. Por exemplo, os nomes próprios como *Mary, Giovanni, George, Margot, Janette*; os lugares como *Washington, Tel-Aviv, Houston*; nomes das coisas ou objetos como *software, show* etc. Esses continuam com aparência estrangeira. Um

exemplo é a igreja de Paris, França, que se chama Notre-Dame de Paris e não se traduz como ‘Nossa Senhora de Paris’. Outros exemplos são encontrados em siglas como AIDS, Laser, Radar, VIP, CD, DVD, iPod, MSN e Whatsapp. De acordo com Carvalho (2009), empréstimos como esses citados, são estrangeirismos adaptados de várias formas.

2.2 Dados linguísticos da Libras

A Libras é a língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira dos centros urbanos. No Brasil, as primeiras pesquisas sobre a estrutura linguística da Libras foram iniciadas por Ferreira na década de 1980 e por Quadros (1995, 1999) e Karnopp (1994, 1999), na década de 1990, sobre os aspectos da sintaxe e da fonologia da Libras e da aquisição da Libras, respectivamente.

Quanto aos sinais, Quadros e Karnopp (2004, p. 88) explicam que o léxico da Libras é composto de um léxico nativo que inclui um núcleo de elementos lexicais, os classificadores e o léxico não-nativo (por exemplo, a soletração manual). Conforme as autoras, o léxico não-nativo contém palavras do português que são soletradas manualmente e essas formas podem ser consideradas como parte da periferia do léxico da Libras. No entanto, nota-se que mesmo palavras soletradas podem sofrer processos fonológicos e serem transformadas em itens lexicais integrantes do núcleo do léxico nativo da Libras. As autoras apresentam exemplos de sinais que se originaram de palavras soletradas, tais como: COMO, NUNCA e BAR que sofreram uma transformação e se tornaram sinais que ainda conservam partes da soletração, mas que são reconhecidas como itens lexicais. Esses exemplos são casos de empréstimos da Língua Portuguesa para a Libras, decorrentes do contato entre as línguas.


Esse tipo de empréstimo decorrente do contato entre a língua falada e a língua de sinais de um país é muito comum. Valli e Lucas (2000, p. 187) mencionam que a soletração é uma representação do sistema ortográfico do inglês com formas da ASL (Língua de Sinais Americana), ou seja, com representações fonológicas estabelecidas na língua de sinais para representar a ortografia de uma língua falada. Neste caso, as formas estabelecidas são específicas da língua de sinais, o que caracteriza a especificidade dessa produção que resulta do contato entre as línguas.

Faria-Nascimento (2009, p. 61) apresenta a datilologia com o sentido equivalente do que seria a soletração nas línguas faladas, pois é usado na Libras como forma de transliteração de palavras ou parte de palavras do português. É uma representação da grafia das letras que compõem palavras nas línguas faladas.

De um modo geral, todas as línguas, orais ou de sinais, incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras que são consideradas empréstimos linguísticos. Nós assumimos que o uso da palavra importada determinará a efetivação do empréstimo de um termo, assim como Nascimento (2010, p. 25) apontou ao diferenciar empréstimo de estrangeirismo: “a frequência no uso de determinada palavra importada determinará se a palavra é um empréstimo, com uso socializado, ou apenas um estrangeirismo, com uso, de certa forma, individualizado”, assim como Bastarrica (2009, p. 21) que acrescenta que a força do uso é o que determinará o status de empréstimo diante de adaptações de diferentes tipos que o item vai sofrer diante do uso.

Um exemplo que podemos citar que se tornou um empréstimo na Libras é o sinal que representa o envio de vídeos via *whatsapp* que, originalmente, foi usado como estrangeirismo importado da ASL e tornou-se um sinal que foi incorporado no léxico da Libras:

Quadro 1 – Exemplo de estrangeirismo para empréstimo de sinal.

ENTRADA DO LÉXICO	LIBRAS
POSTAR-VÍDEO	

Fonte: elaboração própria.

Sinais como POSTAR-VÍDEO estão na direção da periferia do léxico da Libras que parte de um núcleo que compõe os sinais nativos. Esses sinais nativos obedecem às restrições de formação dos sinais. No caso dos sinais estrangeiros, alguns passam a obedecer a algumas restrições de formação dos sinais, mas não necessariamente a todas elas. O empréstimo é tomado por uma língua e pode passar a integrar o seu núcleo nativo, muitas vezes perdendo completamente a sua forma original.

Faria-Nascimento (2009, p. 60) mostrou em sua pesquisa a ocorrência de empréstimos linguísticos entre língua de sinais e língua oral, como é o caso da Língua Portuguesa e da Libras que estão em contato linguístico. Nesta pesquisa, o trânsito de léxico da Língua Portuguesa para a Libras é bastante produtivo, influenciado pelas iniciais das palavras no português, assim como pela articulação da boca, por exemplo (Cf. Pêgo, 2013).

Conforme dito anteriormente, Carvalho (2009) apresentou uma sistematização quanto à tipologia dos empréstimos linguísticos entre línguas orais. No entanto, em relação aos empréstimos linguísticos entre línguas de sinais, não há registros de tipologias semelhantes. O registro de pesquisas em torno

desse fenômeno linguístico entre línguas de sinais é ainda bastante restrito. Como já mencionamos, os empréstimos são mais frequentes entre línguas em contato, o que ocorre entre as línguas de sinais quando há um contexto de fronteira envolvendo o contato entre grupos de línguas de sinais diferentes, um exemplo, nesse sentido, é a convivência entre surdos sinalizantes da Libras e surdos sinalizantes da Língua de Sinais Uruguaí (LSU), na fronteira sul do país, na cidade de Santana do Livramento, no estado do Rio Grande do Sul, e na cidade de Rivera, no Uruguai. Nesta região de fronteira, há o contato entre a Libras e a LSU (FIGUEIRA, 2016, p. 23), ou ainda quando o contato é referente a encontros entre sinalizantes de diferentes línguas de sinais em eventos e congressos internacionais (PINHEIRO, 2020, p. 28).

Há um estudo inicial sobre empréstimos linguísticos na Libras que foi feito por Ferreira (2010 [1995]). A pesquisadora cita alguns tipos de empréstimos utilizados pelos sinalizantes dessa língua, conforme segue: empréstimo lexical, por inicialização de letras de palavras do português, sinais de outras línguas dos sinais, empréstimos de domínios semânticos e, até mesmo, empréstimos de ordem fonética (por exemplo, PÁ BURRO que foi emprestado da expressão do português ‘pai dos burros’, mas que foneticamente passou a ser representado por B com movimento de retenção na mão direita que não representa ‘pai’ perdendo a relação com o termo no original, mantendo-se apenas a segunda parte da expressão). Dos tipos de empréstimos citados pela autora, o único que interessa a esta pesquisa é o denominado de “sinais de outras línguas dos sinais”, no qual a autora mostra um exemplo simplificado, por exemplo segundo Ferreira (2010, p. 23), o sinal ANO, cuja origem parece ser o sinal de mesmo valor semântico da Língua de Sinais Americana (ASL); VERMELHO e LARANJA, possivelmente emprestados da ASL ou da Língua de Sinais Francesa (LSF)⁵. Os demais tipos de empréstimos estão relacionados à influência da língua oral, no caso o português.

Posteriormente à pesquisa de Ferreira (2010 [1995]), o estudo de Quadros e Karnopp (2004) nos apresenta apenas o conceito de empréstimos linguísticos aplicado à Libras. De acordo com as autoras: “de um modo geral todas as línguas, orais ou de sinais, incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras que são consideradas empréstimos linguísticos” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 89).

Mais recentemente, tem-se a pesquisa feita por Faria-Nascimento (2009, p. 61), que apresenta uma tipologia de empréstimo linguístico na Libras. Segue a classificação por ela apresentada:

5 A Libras é uma língua que teve influência direta da LSF em função do estabelecimento da primeira escola de surdos no Brasil dirigida por um professor surdo francês, Ernest Huet (ROCHA, 2007; CAMPELLO, 2011). No entanto, ao longo dos anos a Libras tornou-se uma língua distinta da LSF. Nos últimos anos, tem sido retomados contatos entre a LSF e a Libras por meio de eventos acadêmicos que propiciam a interação entre pesquisadores surdos dos respectivos países, influenciadas devido ao contato entre as línguas.

empréstimos datilológicos/por transliteração (com a soletração da palavra do português); empréstimos por transliteração pragmática (geralmente são provisórios, pois, são usados em momentos de interação em que não existe na Libras um sinal correspondente no léxico desta língua); empréstimos por transliteração lexicalizada (semi-datilológicos); empréstimos por transliteração da letra inicial (somente a letra inicial é mantida na produção do sinal); empréstimos da ‘configuração’ visual dos lábios (a articulação labial da palavra do português é mantida de forma completa ou parcial ao ser produzido o sinal); empréstimos semânticos (como decalque, a tradução literal de uma palavra emprestada, por exemplo PUXA-SACO); empréstimos estereotipados (um símbolo gráfico convenicionado usado em diversas culturas como as formas geométricas, os símbolos matemáticos, os sinais de pontuação); empréstimos cruzados (como os sinais PALMAS (estado e saudação); CAMARÕES (país e crustáceo); PERU (país e animal), que apesar de referirem coisas diferentes no português, recebem o mesmo sinal por causa da grafia que apresentam na língua de origem). Ainda assim, não se identificam os empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais.

Observa-se que, na maioria das pesquisas elencadas até agora apresenta o foco principal na sistematização dos tipos de empréstimos linguísticos a partir dos léxicos importados de uma língua oral, no caso desta pesquisa, o português, para a Libras. Isto se justifica pela proximidade das línguas que estão no mesmo território, com contato cotidiano, assim como pelo fato dos surdos crescerem bilíngues. São poucos estudos sobre os empréstimos de línguas de sinais para línguas de sinais, conforme também observado por Adam (2012, p. 852).

A próxima seção mostra o delineamento desta pesquisa, e os passos realizados para a compreensão de como ocorrem os empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais para a Libras.

3 Metodologia

Esta pesquisa descreve o fenômeno linguístico das ocorrências de empréstimos linguísticos das Línguas em contato, mais especificamente, de empréstimos decorrentes de outras línguas de sinais em contato com a Libras.

3.1 *Corpus*

Para alcançarmos tal objetivo, foi feita uma coleta de dados, a partir do levantamento de vídeos utilizados como material didático disponível aos alunos do Curso de Letras Libras (turma 2006), modalidade semipresencial, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para a construção do *corpus* de análise para a descrição realizada no escopo da presente pesquisa (MACHADO, 2016).

O olhar sobre o material teve o objetivo de identificar, nas narrativas sinalizadas, de atores ou apresentadores, e nos materiais disponíveis em línguas de sinais, o uso ou o registro dos possíveis sinais que caracterizam empréstimos linguísticos de outras línguas sinalizadas.

Os DVDs contendo as videoaulas foram distribuídos aos alunos do Curso de Letras Libras durante a graduação, no período de 2006 a 2010, por iniciativa e sob a responsabilidade de organização da UFSC, que promoveu o Curso de Licenciatura em Letras Libras, na modalidade de Educação à Distância. Foram instituídos 9 polos em todo o Brasil e já se formaram 389 alunos (no ano de 2010), hoje licenciados para o ensino de Libras. Posteriormente, vieram novas turmas de Licenciatura (2008) e, também de modo inédito, o Curso de Bacharelado em Letras Libras (2008) para formar intérpretes e tradutores de Libras.

Foram selecionadas as videoaulas de 6 disciplinas; são elas: Fundamentos da Educação de Surdos; Estudos Linguísticos; Introdução aos Estudos da Tradução; Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas; Fonética e Fonologia; Escrita de Sinais I. A seleção dessas disciplinas se deu de maneira aleatória. Foram selecionadas disciplinas do primeiro e do segundo semestre todas em formato de vídeo filmadas em Libras.

A produção desses materiais é inovadora introduzindo a terminologia usada nas áreas especializadas de cada disciplina. Desta forma, esse *corpus* evidencia uma produção bastante recorrente de léxicos que configuram empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais.

3.2 Procedimentos de análise

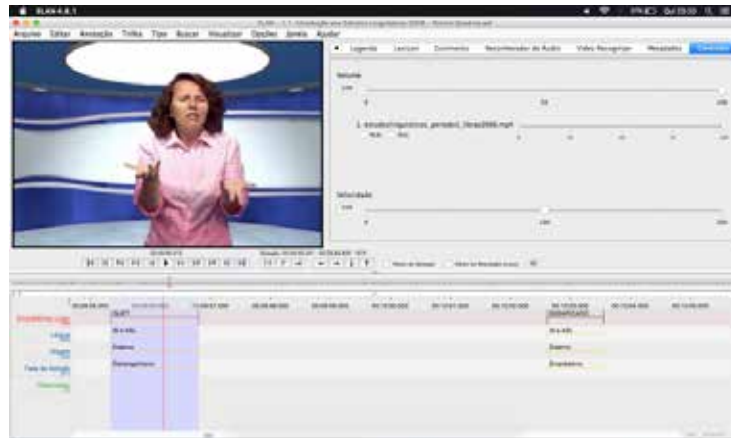
A análise teve como base a identificação de possíveis sinais (verbetes) que podem ser considerados como “empréstimos linguísticos” para a descrição dos processos de incorporação e influência desses empréstimos. A proposta foi de realizar o mapeamento, a categorização e a conceituação, considerando-se ainda que o estudo de empréstimos entre línguas de sinais pode gerar outras categorias não estabelecidas nas pesquisas supracitadas. Para efeitos deste estudo, discutiremos a fase de adoção: estrangeirismo, empréstimo e xenismo.

Para a transcrição de todas as videoaulas, utilizamos o programa de notação *ELAN*, *Eudico - Anotador linguístico*⁶, no qual as anotações de sinais ficam associadas às gravações em vídeo, com a possibilidade de se criar uma trilha para cada entrada de transcrição, com a localização exata, no vídeo, dos empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais.

6 Você pode acessar o *ELAN* em <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>.

Abaixo temos a figura 1 que mostra a interface do *ELAN*, em que diversas trilhas foram criadas para identificar e mostrar a tipologia dos empréstimos linguísticos:

Figura 1 – Captura do vídeo selecionado para a pesquisa



Fonte: Elaboração própria

As trilhas constantes na figura 1 são: empréstimos linguísticos, língua, origem, fase de adoção e observação. Cada trilha possui o seu próprio vocabulário controlado, exceto as trilhas “empréstimos linguísticos” e “observação”. Essas trilhas facilitam e contribuem bastante na análise dos dados e se pode perceber isso nos resultados finais desta pesquisa. Os pesquisadores são fluentes em Libras, assim como em ASL (Língua de Sinais Americana) e LSI (Língua de Sinais Internacionais). Isso facilitou a identificação de sinais que apresentam a mesma forma nestas línguas de sinais, línguas em que há intenso contato com a Libras por meio da participação de surdos em eventos científicos ou intercâmbios acadêmicos.

Após a seleção do *corpus* nos vídeos, com a ajuda da ferramenta *ELAN*, verificou-se se os sinais encontrados eram empréstimos ou não por meio da identificação desses usos em outras línguas de sinais. Isso foi realizado por meio de dicionários e com entrevistas para validação dos itens lexicais considerados empréstimos linguísticos na Libras, com pessoas fluentes em Libras e outras línguas de sinais, que pudessem ser a fonte dos possíveis empréstimos. A seleção dos dicionários de línguas de sinais de outros países seguiu o critério de serem materiais disponíveis *online* e de serem das línguas que, supostamente, são as que mais servem de fonte de empréstimos linguísticos para a Libras. Os dicionários selecionados foram de Língua de Sinais Internacionais (LSI), de Língua de Sinais Francesa (LSF), de Língua de Sinais Americana (ASL) – que se supõe serem as fontes dos empréstimos⁷.

⁷ Os dicionários utilizados nesta pesquisa encontram-se nos sites a seguir: Dicionário da LSF: http://www.lexilogos.com/langue_signes.htm; Dicionário da ASL: <http://www.handspeak.com/word/>; Dicionário da LSI: <http://www.sematos.eu/isl.html>.

A seleção das línguas citadas acima justifica-se por serem essas as línguas de sinais que estabelecem relações históricas e/ou acadêmicas com a Libras. A LSF é a língua que historicamente estabelece vínculo de herança linguística, pois a primeira escola de surdos no Brasil foi organizada por um professor surdo francês, convidado pela corte imperial, E. Huet, (ROCHA, 2007; CAMPELLO, 2011).

A ASL e a Libras contaram com a influência linguística da LSF de forma semelhante, com isso as duas pertencem à mesma família linguística (MCCLEARY, 2008, p. 14), ou seja, as duas línguas de sinais contaram com professores surdos fluentes em LSF para a fundação de escolas para surdos no século XVII. Na atualidade, a ASL é uma das línguas de sinais de maior influência no mundo, não somente pelo fato de os Estados Unidos abrigarem a Universidade Gallaudet, reconhecida mundialmente como universidade de surdos, mas também por suas publicações terem grande influência no campo de investigação das línguas de sinais.

Como já mencionado anteriormente, o fato da LSF ter tido alguma influência na constituição da Libras e da ASL impacta na forma dessas línguas com sinais que apresentam formas que podem compartilhar traços linguísticos comuns. No entanto, ao nos referirmos aos empréstimos identificados entre a Libras e tais línguas, estamos analisando sinais que foram incorporados recentemente na produção dos materiais do Letras Libras, trazendo um conjunto de termos especializados que inexistiam antes da criação deste curso.

Por último, consideramos a LSI, a Língua de Sinais Internacionais, uma vez que se estabeleceu como meio de comunicação em grandes eventos de surdos, tanto culturais e esportivos, quanto em eventos acadêmicos realizados em diferentes países do mundo. Soma-se ainda o conhecimento que os próprios autores têm em relação às três línguas, o que tornou o processo de identificação dos estrangeirismos na Libras mais fácil, possibilitando, dessa forma, o reconhecimento e a identificação do léxico que pode ser origem de, pelo menos, três outras línguas de sinais de maior contato com a Libras.

Outras línguas de sinais⁸ não foram efetivamente consideradas nesse estudo, entretanto, não se descarta, em absoluto, a existência de empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais para a Libras. Sabemos da existência, por exemplo, de um contato intenso entre as línguas de sinais que são usadas nos países que fazem fronteira com o Brasil, mas neste estudo, focamos nos empréstimos decorrentes no âmbito acadêmico que são decorrentes, na sua grande maioria, possivelmente originais destas três línguas de sinais.

8 Eventualmente foram observados e registrados, nesta pesquisa, empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais. Os registros desses empréstimos lexicais foram realizados quando possível identificar a língua de sinais de origem. Além das três línguas em foco na pesquisa, foram identificados sinais da LSU (Língua de Sinais Uruguaia) e da LSA (Língua de Sinais Argentina).

Depois de selecionados os itens lexicais, passamos para as etapas das entrevistas, que foram realizadas com dois grupos de sinalizantes: (1) professores autores dos materiais analisados nesta pesquisa, e (2) sinalizantes nativos das línguas de sinais estrangeiras analisadas como línguas fontes de empréstimos da Libras, ou seja, a ASL, a LSI e a LSF. O objetivo foi verificar juntamente com os sinalizantes dos dois grupos se eles consideravam e confirmavam os possíveis empréstimos identificados nos materiais em Libras. Ressalta-se a importância dessas entrevistas, pois a partir delas pode-se assegurar a confirmação e convalidação dos léxicos considerados empréstimos linguísticos na Libras no *corpus* analisado.

As entrevistas do primeiro momento tiveram a participação de 8 (oito) sinalizantes brasileiros que foram professores autores que produziram os DVDs das disciplinas, e foram realizadas por meio de videochamada com a utilização de programas como o *Skype*⁹ e o *FaceTime*¹⁰, dependendo da preferência de cada entrevistado. As gravações das entrevistas foram realizadas pelo programa *QuickTime Player*¹¹, e o objetivo foi possibilitar mais acurácia acerca das informações sobre os dados, a fim de garantir uma convalidação coerente dos sinais pesquisados.

O segundo momento das entrevistas teve a participação de 6 (seis) sujeitos, todos estrangeiros: dois americanos, sinalizantes da ASL; dois franceses, sinalizantes da LSF; e dois sinalizantes¹² fluentes em LSI. O objetivo desse momento era conferir com os sinalizantes das línguas estrangeiras se, de fato, os sinais pesquisados eram sinais da língua de seu país. Cada estrangeiro somente conferiu os sinais da sua língua de sinais. Por exemplo, os americanos conferiram somente os sinais da ASL e não os da LSF; assim como os franceses conferiram somente os sinais da LSF e não os da ASL. Quando eles não reconheceram o sinal como integrante de sua língua, o item foi excluído do *corpus*. As entrevistas serviram para confirmar algo que já havia sido identificado pelos autores.

Desta forma, as informações colhidas nas entrevistas foram utilizadas para confirmar ou refutar o *corpus* inicialmente selecionado. A etapa das entrevistas, também, teve o objetivo de compreender os usos dos termos identificados pelos próprios sinalizantes.

9 *Skype* é o software que possibilita comunicações de voz e vídeo via Internet, permitindo a chamada gratuita entre falantes em qualquer parte do mundo. Milhões de pessoas e empresas usam o *Skype* para fazer de graça chamadas com vídeo e chamadas de voz, enviar mensagens de chat e compartilhar arquivos com outras pessoas. Mais informações: <http://www.skype.com/pt-br/>.

10 *FaceTime* é um software desenvolvido pela Apple capaz de realizar chamadas de vídeo e chamadas de áudio para todos aparelhos o iPhone, iPad, Mac OS X e iPod Touch, que utiliza a câmera frontal para fazer chamadas de vídeo entre os aparelhos do Apple. Mais informações: <http://www.apple.com/br/ios/facetime/>.

11 *QuickTime Player* é um programa que permite assistir, gravar vídeo e áudio no Mac e ainda permite gravar a totalidade ou parte da sua tela usando diferentes modos, incluindo o modo de tela cheia. Mais informações: <http://www.apple.com/br/quicktime/>.

12 Um argentino e uma belga.

Após as entrevistas serem transcritas, analisadas e realizada a convalidação dos dados, passou-se para a organização e classificação dos empréstimos linguísticos, aportando-se na classificação de Carvalho (2009) em relação à fase de adoção, conforme apresentamos na próxima seção.

4 Apresentação do *corpus* e discussão dos resultados




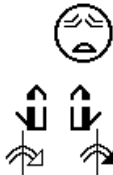








Esta seção apresenta os resultados da análise de itens lexicais estrangeiros na Libras, a partir de línguas em contato na **fase de adoção**. Nessa fase, identificamos estrangeirismos, empréstimos e instâncias de xenismo em 25 (vinte e cinco) itens lexicais: 13 (treze) itens foram classificados como estrangeirismos, 9 (nove) itens lexicais como empréstimos e 3 (três) itens lexicais como xenismos. A seguir, apresentamos os resultados da análise de itens lexicais realizada em cada categoria.

4.1 Estrangeirismo

O estrangeirismo ocorre quando um termo não perde a sua forma original e é utilizado pela pessoa de forma individual, ou seja, o termo não integra a língua, não é usado de forma difundida pelos seus sinalizantes. Pode haver duas formas de se realizarem os empréstimos no processo de estrangeirismo: a primeira forma é a alternância de línguas (*code-switching*), na qual o sinalizante pode, ou não, ter intenção de se expressar com determinado léxico estrangeiro. A segunda forma é a produção do sinal que parece ser mais próxima de se tornar, de fato, um empréstimo linguístico, tem mais chances de ser utilizada pelos sinalizantes de forma recorrente e, algumas vezes, os sinalizantes nem têm consciência sobre o seu uso enquanto sinal que se origina em outra língua de sinais. Do total de 13 itens lexicais classificados como estrangeirismo, 6 (seis) foram classificados como alternância de sinais e 7 (sete) como estrangeirismo no cerne da palavra.

Os 6 (seis) itens lexicais apresentados no Quadro 2, extraídos dos DVDs, são analisados como exemplos de estrangeirismos utilizados pelos sujeitos pesquisados em contexto de alternância de sinais. Nas entrevistas, os sujeitos informaram que utilizaram esses sinais, muitas vezes, sem perceber, embora alguns tenham admitido que mesmo percebendo o uso desses sinais, utilizam-nos esporadicamente, pois não fazem parte do seu vocabulário diário na Libras. A alternância de sinais ocorre somente com sinalizantes bilíngues, multilíngues ou plurilíngues. A alternância de sinais pode acontecer com ou sem a intenção do sinalizante. Veja o quadro 2:

Quadro 2 – Exemplos de estrangeirismo.

ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	LÍNGUA DE SINAIS
FALAR			ASL
MORRER			ASL
PODER			ASL/LSI
PROCURAR			ASL
QUERER			ASL/LSF
WOW!!!			ASL

Fonte: Machado, 2016, p. 84.









O sinal de FALAR utilizado pela sinalizante é um sinal da ASL. O sinal apareceu rapidamente no vídeo, quase imperceptível, o que mostra a naturalidade do interlocutor ao se expressar em Libras e ao utilizar o léxico da ASL no processo de sinalização da videoaula. O sinal de PROCURAR também é da ASL e, novamente, apareceu espontaneamente sem a intenção da falante, da mesma forma aconteceu com o sinal QUERER. Essas ocorrências foram identificadas na mesma sinalizante.


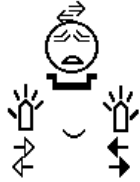



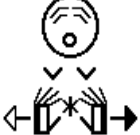
Ainda da ASL, curiosamente, outro sinalizante utilizou o sinal de WOW, também como um tipo de alternância de sinais, utilizado em um momento de emoção. Os sinalizantes que realizaram esses sinais são fluentes em Libras e ASL.

O item lexical MORRER, conforme descrito no Quadro 2, é considerado estrangeirismo, pois não parece ser uma situação de alternância de línguas. O sinalizante não se considera fluente na ASL, apenas em Libras. No entanto, ele fez o curso de ASL e, sob essa influência, se expressou com sinais da ASL. Já a utilização do sinal PODER, que faz parte da ASL e também da LSI, pode ser considerado uma situação de alternância de línguas, uma vez que a sinalizante possui fluência em LSI e na Libras.

Em relação à segunda classificação, foram identificados 7 (sete) itens lexicais. Nas entrevistas, os pesquisados informaram que utilizaram esses sinais naturalmente, que eram sinais que tinham uma expressão mais visual, como os classificadores, que poderiam se aproximar da iconicidade. Esses sinais podem se transformar em empréstimos, a depender da utilização da comunidade de sinalizantes, mas no momento ainda parecem fazer parte de estrangeirismos, pois são pouco difundidos entre os surdos. Assim, ainda estamos classificando tais sinais como estrangeirismos.

Quadro 3 – Exemplos de estrangeirismo.

ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	LÍNGUA DE SINAIS
APRENDER			LSI
FORTE			ASL/LSF/LSI
MUDAR			ASL/LSI
MUITO (Intensidade)			ASL/LSI

O-QUE			ASL/LSI
SEUS (Sistema pronominal)			ASL/LSI
SOLUCIONAR			ASL/LSI

Fonte: Machado, 2016, p. 86.

No Quadro 3, os itens lexicais são expressões que podem ser consideradas mais motivadas (icônicas), apesar de serem sinais convencionalizados nas respectivas línguas de sinais. A motivação a qual nos referimos aqui está relacionada com o fato de haver uma certa iconicidade que remonta o referente do ponto de vista cognitivo ou físico (WILCOX, 2002). Essa motivação pode favorecer o uso destes sinais porque facilmente são ativados pelos sinalizantes da outra língua que tiveram contato com a língua estrangeira. Esses sinais poderiam ser analisados como empréstimos, podendo contar com alguma adaptação para acomodar-se melhor na língua receptora, ou dependendo do uso que a comunidade sinalizante faz do sinal. No entanto, no escopo da presente pesquisa, não temos como avaliar os usos de tais sinais nas comunidades surdas brasileiras para verificar se tais termos foram dicionarizados. Assim, manteremos a categorização destes sinais como estrangeirismos.






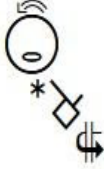




A maioria dos entrevistados não pensaram nesses termos como sendo de uma língua estrangeira, eles os utilizam como sendo sinais da Libras, embora tenham reconhecido que esses sinais são, também, de outras línguas de sinais. Isso ocorreu porque, para eles, esses sinais parecem ser mais confortáveis e de maior facilidade de uso no contexto de sinalização em Libras. Estamos classificando-os como estrangeirismos com base na difusão que os sinais tomam, considerando nossa percepção dos usos nas comunidades surdas. Neste caso, tais sinais parecem terem sido usados de forma pontual por esses sinalizantes, mesmo que os sinalizantes os considerem termos integrantes da Libras. Se, realmente, integram a Libras, passariam a integrar a categoria de empréstimos, o que requer estudos adicionais para a confirmação desta hipótese. Parece que o uso de estrangeirismos acontece para suprir lacunas









de vocabulário na língua, até que seja estabelecido uma terminologia própria, mesmo que seja um empréstimo. A seguir apresentamos este caso.

4.2 Empréstimo

Os empréstimos são aceitos na língua importadora, no entanto, sofrem adaptações para serem incorporados. Foram encontrados 9 (nove) sinais que têm a sua identidade naturalizada na Libras, ou seja, os termos são usados como itens lexicais que integram a Libras pelos sinalizantes e pelas comunidades surdas. Conforme mostra a quadro 4:

Quadro 4 – Exemplos de empréstimos.

ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	LÍNGUA DE SINAIS
AVEA			LSF
FONOLOGIA			ASL
LÍNGUA			ASL
LINGUÍSTICA			ASL/LSF
PRIMEIRO			ASL/LSI

RESPONSÁVEL			ASL
SIGNIFICADO			ASL/LSI
SISTEMA			ASL/LSI
TRADUÇÃO			LSF




Fonte: Machado, 2016, p. 88.

Os 9 (nove) itens lexicais acima já estão naturalizados como sinais da Libras. Explicar-se-á, na medida do possível, como foi o processo de empréstimos e o trânsito de sinais de línguas de sinais estrangeiras para a Libras.

Quando se iniciou o curso de Letras Libras (EaD) da UFSC, muitos sinais que não existiam passaram a ser utilizados por causa do curso. O sinal de AVEA – Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem – é um exemplo disso. O surgimento desse sinal teve a sua origem no sinal de VIDEOCONFERÊNCIA da LSF, foi utilizado um morfema da LSF que é a configuração de mão passiva em “L”, e foi alterado o movimento da mão dominante em sua configuração de mão para ‘mão aberta’, obtendo-se, dessa maneira, o sinal de AVEA. Assim, no Glossário Letras Libras¹³ da UFSC, há uma proposta de sinal para AVEA, como uma mistura da LSF e da Libras. Pode-se observar esse mesmo movimento para a criação de outros sinais para esse curso, entre eles pode-se citar, por exemplo, o sinal de HIPERMÍDIA, conforme explicação extraída de Stumpf, Oliveira e Miranda (2014, p. 171).

13 Com a expansão da demanda de trabalho, o grupo de discussão para constituição do sinalário do Curso Letras Libras, da UFSC, dedicou-se à criação de propostas para novos itens lexicais, em projeto coordenado pela professora Marianne Stumpf.

Figura 2 – Morfema utilizado na criação de novos sinais.

Derivação de morfemas		
		
VIDEOCONFERÊNCIA	AMBIENTE VIRTUAL	HIPERMÍDIA

Fonte: www.glossario.libras.ufsc.br.

Os sinais de SISTEMA, PRIMEIRO e RESPONSÁVEL (ainda no Quadro 4) são empréstimos que já foram naturalizados na Libras. Esses sinais têm origem na ASL e são também da LSI. O primeiro e o segundo sinal não sofrem nenhuma alteração fonológica no léxico na entrada em Libras, mantendo as suas aparências estrangeiras, pois coincidem com a estrutura dos sinais na Libras. Veja que o estrangeirismo neste caso passou a ser empréstimo, uma vez que tais termos passaram a ser amplamente usados pelos sinalizantes de Libras. Por outro lado, o terceiro sofreu adaptação fonológica de origem na configuração de mão ‘mão aberta’ da ASL para “R” na entrada do léxico na Libras por influência do português.

PRIMEIRO e RESPONSÁVEL já integram o léxico em Libras. Nas entrevistas, os sujeitos em alguns momentos utilizaram o sinal de PRIMEIRO¹⁴, em Libras, que ainda não deixou de ser usado completamente, e em outros momentos utilizaram o sinal PRIMEIRO da ASL como empréstimo. Identificamos tais usos como coocorrentes, ou seja, ambas formas podem ser usadas na Libras. Uma das entrevistas trouxe evidências de como poder ter se dado o empréstimo do sinal RESPONSÁVEL. Após o ano de 1989, o surdo Antônio Campos de Abreu¹⁵ foi aos Estados Unidos e em contato com a ASL gostou do sinal utilizado para designar RESPONSÁVEL. Voltando ao Brasil, passou a utilizar e a disseminar esse sinal em detrimento do sinal RESPONSÁVEL existente em Libras (área+responsável “R”) na época. O sinal antigo parecia ter desaparecido. Porém, esta pesquisa verificou que o sinal antigo não desapareceu; houve, apenas, uma mudança no sinal, o morfema ÁREA foi retirado do sinal e ficou somente o morfema RESPONSÁVEL, sendo esse, a partir de então, o sinal em uso para o conceito ‘responsável’, realizado com uma só mão em “R” no espaço neutro, diferentemente da ASL, onde, o sinal de RESPONSÁVEL é realizado sobre os ombros, significando compromisso,

14 **Orientação:** mão esquerda horizontal aberta, palma para a direita; mão direita fechada, palma para baixo, polegar distendido. Passar a ponta do polegar para cima sobre a palma esquerda, apontando-o para cima, o polegar de uma mão esfrega na palma da outra mão.

15 Antônio Campos de Abreu é uma das pessoas mais conhecidas da história e luta da comunidade surda brasileira. Ele presta serviços voluntários na Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos há mais de 20 anos.

seriedade. Parece que o não desaparecimento da forma com “R” pode ser uma forma coocorrente do sinal RESPONSÁVEL com a forma americana.

Os sinais de LINGUÍSTICA¹⁶, FONOLOGIA e SIGNIFICADO são empréstimos da ASL. Na LSF existe o mesmo sinal de LINGUÍSTICA. E o sinal de SIGNIFICADO também é utilizado na LSI. Esses três sinais não existiam na Libras até iniciarem as discussões de ordem linguística instauradas pelo início das pesquisas neste campo de conhecimento (década de 80 e 90). Através das entrevistas, os pesquisadores observaram o quanto parecia ser comum os termos da área de linguística da ASL serem introduzidos na Libras em forma de empréstimos. Por exemplo, um dos entrevistados justifica que antes não havia sinais na área de linguística da Libras, favorecendo o uso de empréstimos dos respectivos termos desta área.

O sinal de LÍNGUA já existia em Libras. Sua realização se dava com uma mão em configuração em U (palma para baixo, próxima à língua, movendo a mão para frente e para trás, duas vezes, oscilando os dedos). Porém, após a entrada de vários léxicos da ASL na Libras, referentes à área da linguística, o sinal de LÍNGUA da ASL também passou a ser utilizado enquanto empréstimo na Libras. Hoje, há uma variação no uso desse sinal, que pode ser também regional. Os dois sinais são utilizados. O sinal antes existente na Libras parece ser usado mais no nordeste, enquanto o sinal adotado da ASL parece ser usado mais no sul do Brasil.

Em relação ao sinal de TRADUÇÃO¹⁷, ainda há dúvida de sua origem. Nesta pesquisa, a maioria dos entrevistados não soube informar a procedência do sinal, não havendo consenso sobre ser de fato um empréstimo. Aqueles que dizem ser empréstimo lembram que aqui no Brasil nunca tinham visto o sinal de TRADUÇÃO e que usavam o sinal de INTÉRPRETE¹⁸ para designar tal conceito. Depois do início do curso de Letras Libras, esses professores passaram a utilizar o sinal de TRADUÇÃO. Alguns entrevistados disseram que o sinal TRADUÇÃO foi importada da LSF. Uma das professoras entrevistadas contou a história do surgimento do sinal INTÉRPRETE, em 1987, ao participar do Congresso Mundial de Surdos na Finlândia e afirma que esse sinal, ao que parece, veio da LSF.

16 O sinal de LINGUÍSTICA possui variação fonológica nos parâmetros. Originalmente é um sinal da ASL, sua formação em ASL é em mãos em L, palmas para baixo, ponta dos indicadores se tocando em lados opostos no espaço neutro; mover as mãos para diante do peito em lados opostos, balançando-as e então fechá-las em CM 8. Na Libras existe o mesmo sinal da ASL e mais duas variáveis, na primeira utiliza-se a ponta dos indicadores diante da boca e na segunda utiliza-se a ponta dos polegares diante da boca.

17 É importante entender que há diferença entre esses dois sinais INTÉRPRETE e TRADUÇÃO, o primeiro designa o profissional da tradução, enquanto o segundo é o ato em si de traduzir.

18 Orientação: mão esquerda, palma para cima; mão direita aberta, palma para baixo, dedos inclinados para a esquerda, tocando a palma esquerda. Girar para direita, para cima e para baixo, rapidamente, duas vezes.

O processo de empréstimo pode ser considerado estrangeirismo em diferentes níveis. Os sinais podem ser resultado de empréstimo linguístico, mas já integrarem o léxico da Libras.

4.3 Xenismo

O xenismo designa o sinal cuja forma permanece a mesma da língua original; significa que continuam com a aparência estrangeira. No *corpus* selecionado para esta pesquisa, foram encontrados 3 (três) sinais com essas características, sendo todos substantivos. Os nomes próprios como VALERIE SUTTON e WILLIAM STOKOE, da ASL, e o sinal de JAPÃO, da Língua de Sinais Japonesa (LSJ).

Quadro 5 – Exemplos de xenismo.

ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	LÍNGUA DE SINAIS
JAPÃO			JSL/LSI
VALERIE SUTTON			ASL
WILLIAM STOKOE			ASL

Fonte: Machado, 2016, p. 93.

Encontrou-se outro sinal que poderia ser categorizado como xenismo. Trata-se do sinal MILÃO, referente à cidade de Milão, na Itália. O sinalizante utilizou, equivocadamente, o sinal da cidade de Madrid, na Espanha, em vez de usar o sinal de Milão. Dessa forma, esta pesquisa considera esse fato como um **empréstimo equivocado**: esse tipo se assemelha ao *deceptive cognates*, porém não é um equívoco semântico, mas sim falha na apropriação do empréstimo do sinal. Inicialmente, pode ser considerado como um empréstimo xenismo, mas após a disseminação do sinal se percebe o erro. O sinal da cidade espanhola de MADRID, oriundo da Língua de Sinais Espanhola (LSE), foi usado para representar o sinal da cidade italiana de MILÃO, em detrimento ao sinal da cidade,

que é oriundo da Língua de Sinais Italiana (LSI)¹⁹. Esse empréstimo equivocado não foi utilizado apenas pelo sinalizante das videoaulas, mas também por outros apresentadores dos DVDs. Por isso, é importante entender e perceber que há riscos de entendimentos equivocados na disseminação dos sinais. Percebe-se que o significado desse sinal já vem sendo recuperado por parte dos sinalizantes de Libras.

Quadro 6 – Exemplo de empréstimo equivocado de sinal.

ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS
MILÃO		 equivocado		 correto

Fonte: Machado, 2016, p. 94.

O sinal MILÃO (mão direita em 1, tocando-se cada ponto de esquerda para direita na testa) é equivocado. A entrevista abaixo relata como aconteceu; o sinalizante assumiu o equívoco e explicou a sua divulgação:

Na verdade, eu sei o sinal correto de “MILÃO” (mãos verticais em 1, palma trás a palma trás. Movê-las alternadamente para cima e para baixo) e o sinal de “MADRID” (mão direita em 1, tocando-se cada ponto de esquerda para direita na testa). Mas, na hora da gravação em vídeo, como ator/tradutor – não tínhamos teleprompter, naquela época, nem glossários – então tive dificuldade de decorar os textos em papel para traduzir e, na hora da gravação, sinalizei enganado, sem perceber, e isso logo foi registrado no DVD para ser publicado. Depois fui assistir o DVD e percebi o pequeno erro no sinal de “MILÃO”. (MACHADO, 2016, p. 94).

Os empréstimos linguísticos podem acontecer de maneira equivocada e a comunidade falante nem perceber. A comunidade de sinalizantes pode incorporar e aceitar um sinal, que pode tornar-se uma convenção social, porém, é necessário se considerar o risco de que há empréstimos feitos de maneira equivocada. É importante o respeito ao conceito e ao valor semântico dos sinais, isso contribui para a valorização da Libras. Dessa forma, o sinal de MILÃO deveria ter sido corrigido, assim seria um empréstimo do tipo xenismo. O sinal designa um léxico próprio da Língua de Sinais Italiana (LSI).

Nesta pesquisa, os resultados limitam-se aos itens lexicais que puderam ser encaixados na segunda categoria de Carvalho (2009): fase de adoção. Vale frisar que é necessário um maior aprofundamento para o entendimento do processo de transição de léxicos externos e internos na Libras. Esta pesquisa ensejou esclarecer como os sinais emprestados podem ter sofrido alterações

19 Não confundir com a Língua de Sinais Internacionais (LSI) que tem a mesma a sigla.

na entrada para a Libras, mostrando como eles podem ser classificados em uma tipologia com base sociolinguística. No futuro, é preciso aprofundar as teorias para dar continuidade ao andamento deste estudo.

Uma derivação desta pesquisa seria analisar cada categoria da classificação de Carvalho (2009) com o objetivo de certificar-se se é possível adaptar por completo a proposta dela para uma classificação dos empréstimos nas línguas de sinais, ou se seria necessário acrescentar/tirar categorias dessa proposta para uma classificação nas línguas de sinais, mais especificamente na Libras.

5 Considerações finais

Ao contrário da Língua Portuguesa, os estudos linguísticos relacionados à Libras não têm um histórico extenso. As primeiras investigações datam de meados de 1960. Um exemplo dos limites da pesquisa em Libras é o fato de ainda não ser possível realizar um estudo etimológico, visto que há poucos dados acerca das variedades e mudanças linguísticas, devido aos poucos registros existentes. Esse é um problema dos estudos das línguas de sinais no mundo. O registro etimológico dos léxicos constitui-se, portanto, um importante desafio para o desenvolvimento dos estudos em língua de sinais. Esta pesquisa pode contribuir nesse sentido, ao levar em consideração a história da entrada de léxicos na Libras, buscando compreender esse processo.

Os resultados deste estudo contribuem para a organização e classificação dos empréstimos linguísticos entre línguas de mesma modalidade. Com os dados obtidos tornou-se possível afirmar que há empréstimos linguísticos entre línguas de sinais, pois foram identificados 25 (vinte e cinco) itens lexicais nas videoaulas do curso de Letras Libras (2006) que foram categorizados de acordo com a tipologia proposta, sendo apresentados na análise do *corpus*, ao serem contrastados com itens lexicais de outras línguas de sinais.

As contribuições desta pesquisa certamente acrescentarão e ampliarão as investigações de cunho linguístico referentes à Libras e sua estrutura. Novos caminhos e possibilidades de estudos podem cooperar tanto para a academia quanto para a sociedade, principalmente para a comunidade surda, pois a realização de pesquisas auxilia na valorização da Libras, que passa a ser reconhecida em seus aspectos socioculturais, históricos, políticos e linguísticos. A partir dessa constatação, pode-se refletir sobre a importância dos empréstimos linguísticos de outras línguas de sinais na evolução da Libras, desenvolvendo um entendimento mais amplo sobre a inserção de brasileiros em contextos internacionais e o papel da academia no desenvolvimento da cultura surda.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Robert. Language contact and borrowing. In: *Sign language: an international handbook*. Berlin: De Gruyter Mouton; 2012. p. 841-861.
- ANN, Jean. Bilingualism and language contact. In: LUCAS, Ceil (ed.), *The Sociolinguistics of Sign Languages*. New York: Cambridge University Press, 33–60, 2001.
- BASTARRICA, Maristela Lutz. *Empréstimos linguísticos do Inglês: Um estudo do léxico do comércio exterior à luz da teoria da variação em terminologia*. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrada em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henry Holt, Rinehart and Winston, 1973.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *A constituição histórica da língua de sinais brasileira: Século XVIII a XXI*. Revista Mundo & Letras, v. 2, São Paulo: José Bonifácio, 2011.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: Uma Proposta Lexicográfica*. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2009.
- FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FERREIRA, Lucinda. *Similarities and Differences in Two Brazilian Sign Languages*. Sign Language Studies, 42: 45-46, Linstok Press, Inc: Silver Spring, USA, 1984.
- FIGUEIRA, Mariana Pereira Castro. *Comunidade surda da fronteira: experiência “compartida”*. 2016, 103f. Dissertação (Mestrada em Educação Especial) – Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Santa Maria, 2016.
- GARCEZ, Pedro de Moraes; ZILLES, Ana Maria Stahl. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editora, 2001. p. 15-36.

GROSJEAN, François. *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1994.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre. 1999.

MACHADO, Rodrigo Nogueira. *Empréstimos linguísticos na Libras: Primeira turma do curso de Letras Libras da UFSC*. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MCCLEARY, Leland Emerson. *Sociolinguística*. Curso de Licenciatura em Letras-Libras Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. *Empréstimos linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em Contato*. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrada em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2010.

PINHEIRO, Kátia Lucy. *Políticas Linguísticas e suas implementações nas Instituições do Brasil: o tradutor e intérprete surdo intramodal e interlingual de Línguas de Sinais de Conferência*. 2020. 434f. Tese (Doutorada em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PÊGO, Carolina Ferreira. *Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca*. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrada em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. 1995.

QUADROS, Ronice Müller de. *Phrase structure of Brazilian sign language*. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre. 1999.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, Solange. *O INES e a educação de surdos no Brasil*. Governo do Brasil. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Divisão de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro. 2007.

SAPIR, Edward. *Language, An Introduction to the Study of Speech*. New York - Harcourt, Brace, 1921

SILVA, Ana Cristina Barbosa da. *Empréstimos linguísticos nos livros didáticos de português*. 2003. 103 f. Dissertação (Mestrada em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

STUMPF, Marianne Rossi; OLIVEIRA, Janine Soares de; MIRANDA, Ramon Dutra. Glossário Letras Libras – A trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam a existir? In: QUADROS, R. M. de. (org). *Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p. 169-190.

VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil. *Linguistics of American Sign Language*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.

WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact: findings and problems*. New York, 1953. Reprint, Mouton, The Hague, 1963.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução: BAGNO, M. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

WILCOX, Sherman. The gesture-language interface: Evidence from signed languages. In: Schulmeister, R. and H. Reinitzer (eds.), *Progress in Sign Language Research: In Honor of Siegmund Prillwitz/Fortschritte in der Gebärdensprachforschung: Festschrift für Siegmund Prillwitz*, Hamburg: SIGNUM-Verlag, 63–81. 2002.